



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

16788 - Resumo Expandido - Trabalho - XV Reunião ANPEd Sul (2024)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 10 - Ensino Fundamental

LABORATÓRIO DE DOCÊNCIAS: UM ESPAÇO DE ENCONTROS PEDAGÓGICOS (DE)FORMAÇÃO

Sabrine Borges de Mello Hetti Bahia - UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS

Eduarda Sebastiany - Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS

Agência e/ou Instituição Financiadora: Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes))

LABORATÓRIO DE DOCÊNCIAS: UM ESPAÇO DE ENCONTROS PEDAGÓGICOS (DE)FORMAÇÃO

RESUMO: O texto discute a implementação de um Laboratório de Docências no sul do Brasil, entre 2021 e 2024, como um espaço formativo para professores pesquisadores de escolas e universidades. Baseado no conceito teórico-metodológico de “(de)formação”, o laboratório oportunizou encontros síncronos e assíncronos. A partir do referencial teórico da pesquisa, estudos foucaultianos, estudos sobre formação de professores e estudos sobre as docências contemporâneas, as autoras analisaram a experiência do grupo de professoras pesquisadoras dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental (AIEF) e destacaram como o laboratório funcionou como um espaço experimental e experiencial (de)formação, promovendo exercícios de pensamento sobre a formação e as docências. Os relatos das participantes indicam para uma mudança cultural, com maior abertura ao diálogo e à relação entre universidade e escola. Além disso, a experiência formativa abre a possibilidade de pensar em uma nova cultura formativa, por meio do germen do laboratório e da criação de outros espaços de encontros pedagógicos (de)formação.

PALAVRAS-CHAVE: Laboratório de Docências. (De)formação. Experiências. Experimentos. Docências.

A criação de um laboratório de docências como espaço experimental e experiencial (de)formação se consolidou com o intuito de contribuir para a construção de uma “casa comum da formação e da profissão”. Pois, de acordo com Nóvoa (2022, p. 4-5).

Não há formação de professores sem uma ligação forte entre as escolas e as universidades, tanto na formação inicial como no período da indução docente e na formação continuada. Hoje, sabemos que não basta construir caminhos de colaboração ou de parceria. [...]. Precisamos, por isso, construir uma nova “realidade institucional”, uma espécie de “casa comum da formação e da profissão”, que permita concretizar novos modelos e novas práticas de formação de professores.

Neste espaço, viver a formação pela (de)formação significa uma abertura à transformação, significa experienciar este espaço em sua completude, participar, compartilhar e, com isso, deformar o pensamento e o modo de ser/estar em formação. A (de)formação é um conceito teórico-metodológico que opera “[...] como um modo de pesquisa/metodologia em que a própria ação de pesquisa funciona como formação dos participantes daquele processo investigativo”. (Fabris; Lima, 2023, p. 124). Essa é uma possibilidade de pensar de outros modos a formação, na relação universidade e escola. De acordo com Veiga- Neto (2010, p. 149) “[...] pensar de outro modo não significa ampliar o que já se pensa, ou seja, é mais do que acrescentar conteúdos novos ao que já se pensa e já se sabe. O pensar de outro modo se move a partir de uma atitude de suspeita frente a tudo aquilo que é dado e que parece óbvio e natural.”.

Neste texto, apresentamos parte de uma pesquisa realizada no sul do Brasil entre os anos de 2021 e 2024, a qual consolidou um Laboratório de Docências como espaço formativo para professores pesquisadores da universidade e das escolas. A formação foi desenvolvida em duas fases, a primeira em 2022 e a segunda em 2023, e foi separada por grupos das etapas da Educação Básica (Educação Infantil - EI, Anos Iniciais do Ensino Fundamental - AIEF e Anos Finais do Ensino Fundamental - AFEF) e também o grupo dos Gestores. Além de encontros síncronos quinzenais (2022) e mensais (2023), também aconteceram momentos assíncronos de produção escrita pela Plataforma *Moodle*, totalizando 40 horas de formação com certificação.

Esse processo, de construir um laboratório como “*um espaço de encontro pedagógico de pensar e fazer juntos*” (Pesquisadora da Universidade 1), foi sistematizado em relatos de experiência, primeiramente escritos no *Moodle* e, depois, apresentados no último encontro

(de)formação em laboratório. Portanto, nosso objetivo é descrever e analisar como este laboratório se constituiu enquanto lugar experimental e experiencial (de)formação no grupo dos AIEF, o qual foi coordenado pelas autoras deste texto. O material empírico engloba 9 relatos de experiência das pesquisadoras (tanto da escola quanto da universidade) e serão analisados a partir do referencial teórico da pesquisa, estudos foucaultianos, estudos sobre formação de professores e estudos sobre as docências contemporâneas.

Ao analisar esses relatos, foi possível perceber como o processo experienciado pelas participantes as mobilizaram a refletirem sobre as suas docências, sua formação e seus modos de fazer pesquisa. Esse espaço de interlocução criou possibilidades de avaliação das pequenas ações cotidianas com os alunos, que muitas vezes não são sistematizadas e se perdem na rotina e nas diversas demandas exercidas pelos professores na escola. Para criar um espaço de abertura e pertencimento foi necessário abrir-se para um outro tipo de formação. No excerto a seguir podemos ver esse movimento no relato da pesquisadora da universidade, que passou por um processo de

[...] aprender a “soltar-se” das suas amarras de uma cultura de formação alicerçada em um programa previamente elaborado com início, meio e fim. Para um planejamento mais aberto, para que elas entrassem na pesquisa e juntas a gente pensasse e elaborasse o que estava em aberto (Pesquisadora da Universidade 1).

Essa outra cultura só é possível quando há uma via de mão dupla na formação, com abertura para o encontro pedagógico, entre quem propõe e quem aceita fazer parte. Uma abertura para o outro, para que possamos nesse encontro pedagógico pensar e fazer juntos.

Reforçamos ainda, de acordo com Bahia, Fabris e Boff, que há a necessidade de um movimento de mudança tanto na formação inicial quanto na formação continuada, mas entendemos que essa

[...] mudança cultural, leva tempo, então, a escola e a universidade precisam considerar a criação de um ethos formativo, com princípios que colaborem para essa “morada de pertencimento”, mas sem paralisar as ações e atitudes; com autores, com perspectivas, com metodologias, que deem, aos professores, a liberdade de criação e de reflexão. O que não podemos, nesse movimento, é pensar que a tradição precisa ser suplantada pelo que é novo. Esse é um grande equívoco. Entendemos que a educação não se faz sem tradição. O que precisa ser analisado são nossas tradições, para que os (pré)conceitos e os discursos naturalizados sejam revisados (Bahia; Fabris; Boff, p. 18, 2024).

Outra questão bastante recorrente nas narrativas das pesquisadoras foi as relações estabelecidas entre as pesquisadoras. Em nosso caso, essa relação foi apontada como um ponto positivo do formato que adotamos, pois os momentos de acolhimento, de partilha e de discussão do “fazer pedagógico” eram momentos de abertura para o outro, assim como enfatiza a Pesquisadora da Escola - AIEF3: “*a escola e a universidade precisam estar juntas, para ambas se auxiliarem*”. Como reforça Nóvoa (2023, p. 132): “Ninguém se torna professor sem a colaboração dos colegas mais experientes. Começa nas universidades, continua nas escolas. Ninguém pode ser professor, hoje, sem o reforço das dimensões colaborativas da profissão [...]”.

Poder repensar a relação universidade e escola, para além dos programas de inserção, ou estágios, é a demanda social e educacional que motivou tal laboratório, no qual a (de)formação continuada é pensada a partir da escola, e problematizada, discutida e fundamentada no coletivo de forma ativa por todos. Um lugar no qual podemos

[...]aprofundar tanto os princípios da pesquisa formativa, colaborativa, com a concepção de (de)formação como a discussão das questões teóricas formativas que foram aparecendo nos encontros. A própria certificação da formação, não ser denominada de curso, foi uma forma de chamar a atenção para o laboratório, onde todos trabalham de forma ativa. Laboratório como espaço experimental e experiencial. Um encontro pedagógico de pensar e fazer juntos (Pesquisadora da Universidade 1).

Esse laboratório como espaço experimental e experiencial pode inspirar outras relações nas escolas. Consideramos que o gérmen que essas pesquisadoras da escola estão levando para suas salas pode reverberar em outros espaços e relações nas instituições, como nos traz a Pesquisadora da Escola - AIEF11:

considero como parte significativa do acolhimento pedagógico. Um novo olhar. De como a parceria, a colaboração, a troca entre escola (equipe diretiva), professores, alunos, pais e filhos proporcionam novos conhecimentos e fortalece vínculos. Que precisamos uns dos outros para que nossa prática pedagógica faça sentido.

Também é possível perceber o mesmo “sentimento” relatado pelas pesquisadoras da universidade, ao começarem algo diferente do que já haviam feito, com uma certa “[...] apreensão e expectativa diante de uma nova formação” (Pesquisadora da escola - AIEF11). Conforme os encontros foram acontecendo, foram se criando “laços de confiança” entre as participantes e isso possibilitou uma maior abertura e exposição para que pudéssemos pensar e repensar a pesquisa em laboratório, a docência, a formação continuada, as relações com o ensino e com a aprendizagem, entre outros.

Nosso objetivo no laboratório foi criar um espaço aberto ao diálogo, onde todas as

participantes pudessem sentir-se acolhidas para expressar suas dúvidas e dilemas. Principalmente, buscávamos proporcionar um ambiente que incentivasse uma reflexão constante sobre nossas práticas pedagógicas. De acordo com a Pesquisadora da Escola - AIEF2, essa abordagem as levou a refletir profundamente e as instigou a repensar sua docência, pois

[...] o que geralmente não fazemos, e ter pessoas que nos façam refletir, nos provoquem a pensar sobre o “ser professor”, sobre o que fazemos ou deixamos de fazer. Com certeza contribuiu muito para minha prática e também me fez perceber que nem tudo que fizemos está perdido. É a esperança de que não estão sozinhas nesse desafio de estar sempre a caminho [...] (Pesquisadora da escola - AIEF2).

A busca por (de)formarmo-nos, a partir dessa experiência, foi uma das questões marcantes no laboratório dos AIEF. Ao mesmo tempo que estávamos vivendo um processo de experimento e experimentação de algo novo, também tínhamos o compromisso de propor uma formação que fizesse sentido para as pesquisadoras da escola. O desafio de

[...] criar pautas abertas, passíveis de mudança de rota, criar um espaço de fala, de escuta, de exposição foram algumas das ações que repensávamos semanalmente, criando estratégias para nossas perguntas. Entre elas: “como possibilitar o diálogo entre as participantes?” “De que forma fazer com que elas [as professoras] se exponham?”. O espaço do laboratório foi palco de discussões importantes acerca da docência, da profissão e de situações diversas da escola (Pesquisadora da Universidade 3).

Em muitas reuniões nós analisávamos se estávamos alcançando os objetivos da formação em laboratório. Especialmente, quando essa cultura formativa nos convoca para uma exposição do que fazemos, pensamos e como avaliamos tudo isso. Percebemos que as pesquisadoras da escola que permaneceram vivenciaram esse processo de (de)formação e aceitaram o nosso desafio de entender que tanto na pesquisa quanto na formação “*[...] a segurança total, não existe, mas o que nos dá uma segurança relativa é o conhecimento, é estudar, é estar junto com os colegas pensando junto, compartilhando e em experiência coformativa*” (Pesquisadora da Universidade 1).

Pensar a (de)formação de professores, a partir das experiências vivenciadas no laboratório, primeiramente exigiu de nós, pesquisadoras da universidade, um exercício de afastamento no momento das análises, para que pudéssemos nos distanciar das expectativas em relação ao que esperávamos do laboratório. A partir disso, organizamos o material com base no que as pesquisadoras participantes experimentaram e relataram.

Ao finalizar a análise, algumas constatações foram recorrentes em todo o material: (1) enfrentamos uma dificuldade para que as pesquisadoras da escola falassem e se expusessem, mas vimos um grande deslocamento à medida que os encontros foram se consolidando; (2)

foi muito produtivo abordarmos alguns temas que as pesquisadoras apontaram como uma necessidade. Muitos temas e conceitos importantes para a formação continuada, docência e especificidades dos AIEF foram abordados e fundamentados a partir dos relatos das pesquisadoras da escola; (3) termos um formato híbrido (presencial e on-line) foi muito produtivo para os laços de amizade e abertura entre as participantes, possibilitando que se efetivasse o encontro pedagógico e maior proximidade; (4) foi possível analisar que este espaço, por si só, não garante a transformação, é necessário um envolvimento ativo dos participantes e o uso de certas ferramentas para que a formação se concretize e produza efeitos em cada uma como (de)formação.

Esse exercício de pesquisa foi importante para que pudéssemos perceber a potência desse tipo de formação mais dialógica, costurando, a partir de conceitos importantes da pesquisa guarda-chuva, a possibilidade de pensar em uma nova cultura formativa, por meio do germen do laboratório e da criação de outros espaços de encontros pedagógicos (de)formação. Neste sentido, defendemos espaços formativos que coloquem em ação outras formas de ensinar, outras formas de relação com os alunos e onde as ações pedagógicas possam ser recriadas sob outros princípios. Outra cultura formativa, em que alunos e professores possam ocupar outras posições e a pergunta e a dúvida mobilizem os encontros pedagógicos na escola e na formação inicial e continuada. Essa é a nossa aposta na formação como (de)formação!

REFERÊNCIAS:

FABRIS, Elí Terezinha Henn; LIMA, Samantha Dias de. Pesquisa (de)formação e a produção de um constructo formativo para a formação de professores. *In*: LIMA, Samantha Dias de. **Guia da Educação 4.0: O Ensino e a Aprendizagem no Ensino Superior no “novo” Século XXI**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2023.

BAHIA, Sabrine Borges de Mello Hetti; FABRIS, Elí Terezinha Henn; BOFF, Daiane Scopel. Formação continuada de professores de anos iniciais do ensino fundamental: uma inscrição em outra cultura formativa. **Reveduc**, 2024.

NÓVOA, António. Os professores e sua formação profissional: entrevista com António Nóvoa. Entrevista, **Educ. rev.** 38, 2022 Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/gNwmBJ8p9vgw5z9Zmrxm6Tq/>. Acesso em: 12 jun. 2024.

VEIGA-NETO, Alfredo; LOPES, Maura Corcini. Para pensar de outros modos a modernidade pedagógica. **Educação Temática Digital**, Campinas, v. 12, n. 1, p. 147-166, 2010.